Curadorias artísticas virtuais:

Experiências em processo [[1]](#footnote-1)

Marcos Rizolli [[2]](#footnote-2); Regina Lara Silveira Mello [[3]](#footnote-3)

**Resumo:** O presente texto pretende apresentar algumas reflexões sobre a prática curatorial artística em tempos de pandemia. Se, por um lado, o isolamento social provocou o fechamento de Museus, Galerias de Arte, Espaços Culturais e demais instituições de promoção cultural, por outro, os processos criativos não deixaram de existir e até mesmo como forma de resistência ao cenário adverso novas proposições foram surgindo. A arte migrou para a web e esse (não) lugar, proliferou. E, aqui, apresentamos os esforços coletivos do Grupo de Pesquisa Arte e Linguagens Contemporâneas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

**Palavras-Chave:** Curadoria Artística Virtual, Instagram, Pesquisa em Artes

**Abstract:** The present text intends to introduce some reflections about the artistic curatorial practice in times of pandemic. If, on the one hand, social isolation caused the shutdown of Museums, Art Galleries, Cultural Spaces and too much institutions of cultural promotion, on the other side, creative processes did not leave to exist and even as a form of resistance to the adverse scenario new propositions were arising. The Art migrated to the web and this (non) place proliferated. And, here, we present the collective efforts of the Research Group Art and Contemporary Languages, linked to the Postgraduate Program in Education, Art and History of Culture at Mackenzie Presbiterian University.

**Keywords:** Virtual Artistic Curation, Instagram, Arts Research

**Introdução**

A experiência de promover curadorias artísticas virtuais, no Instagram, suscitou um conjunto de elementos reflexivos acerca dos novos lugares (ou não-lugares) da Arte Contemporânea. Eventos protagonizados por pesquisadores em Arte e Linguagens Contemporâneas, em processo, têm motivado a reinvenção das formas com que as artes buscam reencontrar e se reconectar com seus públicos – em tempos de pandemia. Novas concepções sobre curadoria e novos modelos de produção de exposições emergem – expandindo e intensificando a cultura.

Líderes do Grupo de Pesquisa *Arte e Linguagens Contemporâneas* – *aTempo*, devidamente registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, fundação pública brasileira, vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, temos como principais atribuições fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação e promover a formação de recursos humanos qualificados para a pesquisa, na área de conhecimento em Artes e suas interdisciplinaridades no do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie – em São Paulo.

Assim, entre diversificados projetos de pesquisa em desenvolvimento – coletivos e individuais – um, em especial, apresenta-se como objeto destas breves reflexões: Estudos sobre Curadoria. Desde 2006, ano de criação do Grupo, as questões curatoriais da Arte Contemporânea têm sido nosso preponderante argumento teórico-prático. Em sua história produtiva, o Grupo reconheceu projeção internacional realizando inúmeras curadorias – no Brasil e no Exterior (Itália, Inglaterra, Portugal, Espanha, Argentina). Exercício corrente, as curadorias visam refletir argumentativa e visualmente acerca dos processos criativos, produtivos e conceituais próprios das culturas contemporâneas. Reconheceu, ainda, reflexões teóricas continuamente publicadas em livros, capítulos de livro, catálogos expositivos, periódicos acadêmicos e anais de eventos científicos internacionalmente consolidados. Um bom exemplo de nossos produtos é a *Revista Éter – de Arte Contemporânea* ([www.revistaeter.org](http://www.revistaeter.org)).

Outrossim, quando surgiu a pandemia causada pelo novo coronavírus e consequente processo de isolamento e distanciamento social, nos vimos surpreendidos em nossas práticas cotidianas. Ou seja, um vasto fenômeno de saúde pública acarretou outros desafios de pesquisa: pensar o lugar (ou não-lugar) das Artes em tempos pandêmicos.

**Curadorias Artísticas Virtuais**

Diante da necessidade de repensarmos nossos processos de produção de conhecimento a partir das linguagens não-verbais, o *aTempo* (a marca essencial do Grupo) procurou reinventar seus procedimentos ao rever seus parâmetros epistemo-metodológicos. Abandonada a prática curatorial nos espaços convencionais por onde as Artes circulam e se comunicam com seus públicos (galerias, museus, espaços culturais) procuramos agir nas redes sociais – motivados pela perspectiva de atingir os sujeitos em confinamento. Ato contínuo, o INSTAGRAM foi identificado como potencial lugar/suporte de nossas ações curatoriais. Para realizar a pesquisa primariamente nomeada pelos líderes do *aTempo*: **Curadorias Artísticas Virtuais**, foi criada a conta @arte.linguagens.contemporaneas. A produtividade curatorial mostra, até então, 06 curadorias artísticas virtuais já realizadas em parceria com alunos-pesquisadores do curso de Doutorado.

Essas curadorias, compreendidas como células experimentais, foram realizadas com o propósito de **aproximação** do novo meio, **compreensão** de seus sistemas operacionais e com a ambição de, já de algum modo, propor formas de **subversão** crítico-criativa. O conjunto foi denominado *Seis exercícios de curadoria*, discutidos passo a passo com os alunos-pesquisadores nas reuniões semanais do Seminário Avançado: Arte Contemporânea, disciplina do PPG-EAHC, que iniciou o primeiro semestre letivo de 2020 presencialmente para tornar-se repentinamente virtual. As primeiras reuniões realizadas por vídeo conferência já apontavam dificuldades e vantagens que a elaboração desta nova forma de comunicação trariam a todos os participantes pois, imagens e sequências narrativas eram insistentemente testadas para melhor funcionarem quando vistas através de dispositivos móveis, desde o design das letras, imagens, cores de fundo e o que mais permitisse o estabelecimento de parâmetros e domínio da legibilidade.

O processo de aproximação contou com a prévia interação do coletivo de pesquisadores (docentes e discentes) com a rede social INSTAGRAM, devidamente escolhida por sua natureza de comunicação – a interação entre sujeitos pautada pela visualidade – cuja “comunidade Instagram” publica prioritariamente imagens (fotografia, arte, audiovisual). A natureza visual da rede pode ser observada em sua marca. E mais, o primo-motor das novas ações curatoriais do *aTempo*, à imagem e semelhança de seu novo suporte relacional, foi consolidar e divulgar a sua própria marca. Assim se fez:



**Figura 1** – A marca Instagram reivindica o olhar mecânico do dispositivo fotográfico. A marca *aTempo*, do Grupo de Pesquisa Arte e Linguagens Contemporâneas.

Com o intuito de anunciar o ciclo expositivo das curadorias artísticas virtuais a Profa. Dra. Regina Lara, assim se expressou no primeiro post de apresentação dos *6 exercícios de curadoria*:

“*Nestes tempos reclusos, a cidade, que não podemos ver, ecoa na memória em imagens de belos muros e pilastras de viadutos pintados, outrora vistos em movimentos rápidos, passageiros e, no entanto, marcantes. Deslocadas, estas imagens invadem galerias de arte que invadimos com nosso olhar virtual, entrando também em museus, ateliês e até settings de filmagem, nos permitindo pensar aproximações, observar repetições e criar narrativas próprias à obra de arte e ao percurso criativo de artistas contemporâneos. Alunos (pesquisadores)...atuaram como curadores de seis exposições virtuais, no formato Instagram, publicando por 3 dias seguidos, que ficam alojados na conta, e podem ser revistos a qualquer momento. Em tempos difíceis, de incertezas e angústias profundas, a arte nos resgata e ilumina. Emergindo pela tela de nossos dispositivos, afirma-se também como um ato de resistência.”*

O texto se refere às curadorias: *A cidade é cinza, o humano é colorido* – de Livia Nonato; *Banalidade e Repetição* – de Polyana Zappa; *Artistas Brasileiros: arte e erotismo* – de Paulo Vergolino; *feito aqui – ateliês contemporâneos* – de Leslye Revely; *Tramas & Texturas Brasileiras* – de Edson Elidio; *TRÊS VEZES NANNI MORETTI* – de Paolo Caon. Todas publicadas no primeiro semestre de 2020, no período de 22/06, quando foi anunciado o ciclo expositivo, em sequência até completar-se no dia 10/07.

Todos os textos curatoriais, articulados com artistas e obras, respeitaram a peculiar expografia www do Instagram. Todos os curadores tinham a consciência de que deveriam apresentar a exposição a partir de leituras espaciais que bem considerassem as formas de rolagem das telas dos diferentes dispositivos de acesso e visualização: a leitura em verticalidade do tempo (de baixo para cima) e a leitura em horizontalidade do espaço (das esquerda para a direita). A dinâmica visualidade do Instagram, certamente, impactou na própria formatação e distribuição dos textos ao longo das exposições. A rapidez na comunicação: apresentação de elementos textuais essenciais para a condução da visitação virtual e de sua inteligibilidade conceitual. A objetividade de informações: a aproximada relação entre texto e imagem. E, ainda, a latente expansão de informações: a oferta de acesso ao visitante de novos dados sobre os temas, artistas e obras de arte apresentados, remetendo o usuário para outros links, garantindo a expansão do conhecimento em arte.

Vejamos, então, como cada um dos curadores formularam suas ideias – concepções e conceitos - traduzidas em textos curatoriais:

*A cidade é cinza, o humano é colorido*, com curadoria de Livia Nonato, assim foi apresentada:

*“A cidade com o seu cotidiano de confluências e de divergências. Sua pluralidade de signos e significados. Seus valores, e acima de tudo com seus cidadãos, representa o espaço por excelência da vida e da produção de cultura. Em tempos de pandemia, o isolamento social nos afastou (temporariamente) de obras artísticas que dão cores aos nossos dias cinzas na cidade. Visto o atual momento ‘A cidade é cinza, o humano é colorido’ apresenta uma seleção de artistas e suas obras – tanto as de rua quanto as de galeria, visando nos manter em contato com a arte que nasce em paredes, muros e medianeiras de São Paulo.”*

Polyana Zappa, curadora da exposição *Banalidade e Repetição*, apresenta o seguinte texto:

*“Ponto de encontro entre os artistas Jeff Koons, Nelson Leirner e Takashi Murakami que por meio de objetos banais do cotidiano são reconfigurados no contexto artístico. Herdeiros duchampianos utilizam da ironia como crítica do consumo.”*

E, ainda, nos instiga com dois questionamentos:

*“Crítica ao mercado da Arte? Kitsch nas obras que refletem o divertimentos e o fácil acesso? Arte assumidamente comercial?*

*A arte do banal ou o banal que é arte? Três artistas apoderam-se dos objetos banalizados pela sociedade de consumo e os transformam em obras.”*

Enquanto Paulo Vergolino assim se expressa para apresentar sua curadoria intitulada *Artistas Brasileiros: arte e erotismo*:

*“A temática da arte erótica e/ou do sexo entre homem e mulher faz parte das representações culturais desde tempos imemoriais. Está nas pinturas rupestres, nas cerâmicas pré-colombianas e greco-romanas, nos templos asiáticos, africanos e, consequentemente, passou a fazer parte da arte europeia. No século XIX e início do XX, por aqui aportou de forma pouco frequente, mas existente. Aqui temos um microcosmo de um universo de artistas brasileiros importantes, representados por uma faceta pouco conhecida – ou seja, certa poética deveras erotizada. Optou-se pela representação de quase todas as técnicas consideradas clássicas dentro da história da arte, tais como: o desenho, a gravura, a pintura – sem excluir a fotografia.*

*O que nos interessou, sobretudo, foi revelar tal temática – tão velada pela sociedade ao longo dos anos e que ainda sobrevive, ganha adeptos, colecionadores particulares e está presente de uma forma mais frequente, em exposições levadas a cabo em museus nacionais e internacionais no século XX. Toda forma dede expressão visual merece reconhecimento e este, é o nosso papel enquanto pesquisadores, a mostra está aberta e em aberto, sejam todos bem-vindos.”*

Por sua vez, Leslye Revely, para referir-se à curadoria de *feito aqui – ateliês contemporâneos*, apresenta os seguintes argumentos:

*“Os ateliês contemporâneos compreendem espaços de criação: cheios ou vazios, fixos ou itinerantes, físicos ou virtuais, ou seja, são lugares onde as ideias surgem e são testadas.*

*Conheça agora alguns desses espaços artísticos e suas ferramentas.*

*Depois, te convido para clicar no endereço dos artistas e conhecer suas obras.”*

Edson Elidio, na curadoria da exposição *Tramas & Texturas Brasileiras*, nos brinda com as seguintes palavras-chave:

 *“Inspirações poéticas*

 *Tema aos tecidos: da cartela de cores às estampas*

 *Cadernos artesanais*

 *Universo criativo*

 *Desfiles*

 *...*

 *História*

*Lugares*

*Personagens*

*Inspirações*

*Desfiles*

*Memórias*

*Poéticas*

*Detalhes*

*Coleções”*

E, finalmente, na exposição *TRÊS VEZES NANNI MORETTI,* Paolo Caon nos oferece a seguinte definição curatorial:

 *“As três coisas.*

*“Desde o início, desde os primeiros filminhos em Super 8 em 1973, afloraram de forma natural três coisas,*

*a primeira contar sobre mim mesmo e o meu ambiente, o meu mundo, geracional, político e social.*

*a segunda ....contar ... com autoironia,*

*a terceira coisa...também colocar-me na frente como ator mas digamos mais que tudo como Persona, por tanto tempo que agora acredito que isto não mudará.”*

As curadorias artísticas virtuais foram amplamente divulgadas em outras redes sociais através de um convite para uma reunião em vídeo conferência realizada em 13/07, uma *Finissage*, pensada como um encerramento simbólico, pois uma das características especiais desta mídia, é que as postagens podem ser mantidas na linha do tempo para que sejam revisitadas a qualquer momento – enquanto esta conta no Instagram existir. Pretendeu-se também uma suave aproximação do real, brindar virtualmente entre pesquisadores-curadores, artistas e convidados, como sempre se fez presencialmente nestas ocasiões, propiciando diálogos e reflexões sobre esta novíssima maneira de expor a Arte Contemporânea.



**Figura 2** – Prints da tela do Instagram do Grupo de Pesquisa e visão parcial de suas curadorias artísticas virtuais.

Para compreender os sistemas de comunicação e publicação abarcados pelo design estrutural do Instagram, esforços coletivos foram empreendidos. Refletir sobre: a emergência das redes sociais em suas dimensões comportamentais, tecnológicas e culturais; as formas de interação; os tempos de visualização; a produção e o consumo de fenômenos artísticos; a diversidade de expectativas dos usuários... Justamente para adotar determinados protocolos de atenção – que bem pudessem validar a presença da Arte, como objeto de investigação acadêmica, em ambientes virtuais cotidianos.

Devidamente nutridas pelo exercício crítico, as práticas curatoriais trouxeram um conjunto de informações procedimentais inerentes ao Instagram que puderam, a partir de leituras de processo, instaurar um ambiente propício às práticas de linguagem e consequente subversão da natureza curatorial.

Primeiro: abandonar a tradicional linha de tempo horizontal (com leitura da esquerda para a direita) para adotar uma linha de tempo vertical (com leitura ascendente, de baixo para cima). O percurso perceptivo agora proposto ao visitante-usuário surpreende a lógica do olhar ocidental. Segundo: utilizar o *modo carrossel*, de maneira a preservar algum tipo de similaridade com a percepção tridimensional e paritária com o cubo branco (conceito atribuído aos espaços expositivos convencionais), adulterando a tela plana dos dispositivos, pois o *template* do Instagram foi elaborado para ser prioritariamente visualizado em smartphones (pode ser visto ocasionalmente no computador, perdendo recursos e visualidade). Terceiro: considerar a composição final que resulta da montagem da exposição, transformada dia-a-dia com cada nova imagem que é postada e que passa a ocupar um lugar neste conjunto determinado *a priori* pela mídia Instagram, no qual três imagens constituem uma linha, num total máximo de quatro linhas que podem ser vistas ao mesmo tempo na tela. Este dinâmico caleidoscópio de 12 imagens aparentes estará sempre presente na visualização da linha do tempo. Quarto: considerar a temporalidade da linha narrativa que se impõe ao ato de postar, que pode ser deliberadamente espaçado, criando expectativas de completude da forma final. Quinto: como a exposição está postada na internet, abre-se a possibilidade da colocação de links de interesse direto, como a eventual visita ao ateliê do artista, ou mesmo o acesso a espaços virtuais que insiram a obra num *site-specific* virtual, em realidades ampliadas para além do espaço expositivo.

**O *continuum* das experiências curatoriais**

As redes sociais, assim, sugerem ser surpreendentes territórios para o estabelecimento de novas formas de conexão da Arte Contemporânea com seu público. Se a intenção acadêmica é aquela de comunicar diversificados produtos derivados das pesquisas em artes (subvertendo a lógica do sistema e mercado de arte), as curadorias artísticas virtuais abrem-se, em processo, para novas demandas: estão em gestação as exposições artísticas, de cunho autoral, dos próprios líderes do Grupo *aTempo –* visto que, docentes-pesquisadores, são também artistas: *Bichos*, de Regina Lara, e *Fun Selfies*, de Marcos Rizolli, deverão provar a inovadora modalidade de curadorias cruzadas – em dimensão crítico-criativa, dimensionando a figura do artista-curador.

Sobre a série *Bichos*, de Regina Lara, o curador Marcos Rizolli assim se expressa:

*“A artista brasileira Regina Lara tem dedicado toda sua carreira aos estudos avançados nas artes da terra e do fogo – cerâmica e vidro.*

*Numa intensa produção derivada de seus estudos pós-doutorais realizados em Portugal, desenvolveu uma série de pequenos objetos-organismos: os biovidros!*

*A artista vive e trabalha entre Campinas, São Paulo [Brasil] e Lisboa [Portugal] – cidades em que exerce sua ação multidimensional entre criação artística, ensino de pós-graduação e pesquisa em arte.*

*Seus surpreendentes Bichos nascem do vidro fundido e estão configurados em pequenas esculturas-objetos.*

*Regina Lara, artista-pesquisadora; professora-artista, lapidou seu apreço pelas artes do vidro a partir da história de seu tataravô – o artesão alemão Conrado Sorgenicht – que, no final do Século XIX, levou a arte do vitral para o Brasil. A artista se reconhece, então, como herdeira criativa de uma família detentora de sucessivas gerações de vitralistas.*

*Contudo, além de atuar na conservação e divulgação de sua tradição familiar, adotou as artes do vidro como sua plataforma criativa.*

*Neste momento, em seu ateliê-laboratório, a artista encontra motivação criativa para a produção de delicadas peças tridimensionais, ambicionando trabalhar com técnicas combinadas: fazendo convergir os processos do pâte de verre com a fundição sobre lâminas de vidro. Ou, sobre superfícies de cerâmica ou gesso, com o interesse de apresentar diversificadas volumetrias e texturas vítreas: advindas de inventivos procedimentos de fragmentação e coloração da matéria – devidamente regidas pela tríade viso-conceitual: transparência, translucidez e opacidade – argumentos que orientaram a sua pesquisa pós-doutoral e que migraram, embrionariamente, para sua atividade artística.*

*Num sistema socialmente constituído, os campos da arte e da ciência se revelam interpenetrantes, provocando a constante renovação de conceitos que vão sendo compartilhados conforme os interesses de cada artista ou cientista. Os efeitos óticos do vidro, especialmente aqueles produzidos pelos feixes luminosos que lhes atravessa e orienta a concepção dos Bichos, certamente despertará novas consciências artísticas e científicas – dispostas à produção de linguagem-conhecimento.”*

Sobre *Fun Selfies*, de Marcos Rizolli, a curadora Regina Lara, assim se manifesta:

*“Na série fotográfica* FUN SELFIES *Marcos Rizolli nos incita a olhar fisionomias e posturas expressivas de artistas visuais, espelhadas no encontro com sua própria imagem. Num gesto contemporâneo baseado no* control C - control V *de imagens capturadas na internet, revela a face divertida de retratos de artistas consagrados no campo da arte, ampliados criativamente em sua própria face.*

*Em ato criativo subsequente à experiência de pesquisa pós-doutoral – IA|UNESP|2012 – na qual estabeleceu diálogos metodológicos com alguns artistas para definir o conceito de imagens fixas seriadas (reprografias e infoimagens), Rizolli reverbera o que nomeou metodologias emprestadas, a apropriação e atualização de procedimentos técnicos daqueles artistas em sua própria produção visual.*

*Assim, de modo expandido,* FUN SELFIES *apresenta-se como processo criativo pautado pelos conceitos e processos de citação e apropriação - não mais de seus métodos, imagens de arte... E, sim, de suas aparências.*

*Rizolli toma, para ele, as almas dos artistas! Por intermédio de visualidades divertidas... Parcialmente (in)fiéis.”*

Então, as experiências curatoriais, algumas já vivenciadas e outras em processo de produção, em ambientes virtuais inauguram novas possibilidades para a circulação da Arte Contemporânea. Com isso, percebemos novas configurações para a função do Curador e novas demandas para o exercício das curadorias artísticas. Assim, sistematizadores do conhecimento avançado em Artes, professores-pesquisadores, professores-artistas e artistas-pesquisadores tomam para si a incumbência de identificar, experimentar e ocupar novos lugares... ainda que sejam os não-lugares da www!

 **Conclusão**

Os presentes relatos reflexivos sobre curadorias artísticas virtuais bem podem orientar a prática curatorial na busca de alternativas expositivas - sempre em busca de um público amplo. Para além dos limites museológicos artistas e curadores podem comunicar sua arte e suas ideias: ocupam espaços urbanos (paredes, muros, ruas, praças, parques), a paisagem (terras, águas e céus – próximos ou remotos), os corpos (intervenções, performances, atitudes). Com a tecnologia em seus favores, ocupam a virtualidade!

Como já sabemos, há muito, a arte deixou de ser veiculada na exclusividade do *Cubo Branco.* E nos lugares (espaços e tempos) da www artistas e curadores se adaptam e tornam-se aptos para essencial e contínua ação inovadora das Artes. Afinal, o fenômeno artístico deve ser exatamente como nos ensina a máxima de Theodor Adorno: *A arte, de fato, é o mundo outra vez, tão igual a ele, quanto dele desigual.*

**Referências**

 ADORNO, Theodor. **A literatura e o leitor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ARNHEIM, R. **Intuição e Intelecto na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CAUQUELIN, A. **Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIESER, W. **Arte Digital.** Berlim, Alemanha: H.F. Ullmann, 2008.

OBRIST, H. U. **Uma breve história da curadoria.** São Paulo: BEĨ, 2010.

POPPER, F. **Art of the Electronic Age.** New York, EUA: Thames and Hudson, 1993.

REAS, C. & McWILLIAMS, C. (2010) **FORM+CODE: In Design, Art, and Architecture***.* New York, EUA: Princeton Architectural Press, 2010.

**aTempo**.https://instagram.com/arte.linguagens.contemporaneas/.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 19: Estéticas da Comunicação: Linguagens e Artes, do XIII Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor e Comunicação e Semiótica: Artes (PUC-SP) e lidera o Grupo de Pesquisa Arte e Linguagens Contemporâneas (UPM). E-mail: marcos.rizolli@mackenzie.br [↑](#footnote-ref-2)
3. Professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora em Psicologia como Profissão e Ciência (PUC-Campinas) e lidera o Grupo de Pesquisa Arte e Linguagens Contemporâneas (UPM). E-mail: regina.mello@mackenzie.br [↑](#footnote-ref-3)